

Desde os primeiros anos do século XVIII, de geração em geração, sucedem-se na velha família genebrina Saussure, naturalistas, físicos e geógrafos. Fazer avançar o conhecimento no domínio das ciências naturais e das ciências exatas é uma herança familiar, aceita com um orgulho consciente. Somente Albertine-Adrienne de Saussure, no início do século XIX, distanciou-se desse hábito para se voltar à estética das escrituras românticas e dos filósofos idealistas alemães, assim como à pedagogia. Duas gerações mais tarde, Ferdinand de Saussure faz uma escolha também inabitual na família (e um amigo de um antepassado paterno, Adolfo Pictet, iniciador dos estudos em paleontologia linguística e patriarca da cultura genebrina, em meados do século XIX, tem certamente uma parte notável nessa escolha). Aos dezenove anos, após ter estudado durante dois semestres química, física e ciências naturais na Universidade de Genebra, o jovem Saussure retoma decididamente os estudos literários e, em particular, os

1 Nota das tradutoras: O presente texto é uma tradução (francês-português) da “Introdução” do Cours de Linguistique Générale (CLG). Essa introdução foi elaborada por Tullio De Mauro em 1967 para a versão italiana do CLG. Em 1972, a introdução, as notas e os comentários de Tullio De Mauro para a edição italiana passaram a fazer parte da edição francesa. A tradução aqui apresentada tem como base a publicação francesa do CLG de 1974, a qual reproduz em sua totalidade e com a mesma paginação, a edição publicada precedentemente pela editora Payot. Por tratar-se de uma introdução de uma obra, decidimos não dar outro título ao texto aqui traduzido, uma vez que também não caberia, nesse lugar, chamá-lo de “introdução”, ainda que não deixe de ser a “introdução” do CLG.

A presente tradução foi autorizada à Professora Dra. Amanda Eloina Scherer pelo próprio autor, Professor Dr. Tullio De Mauro, durante um jantar informal acontecido em Paris, após sua conferência intitulada «Sisyphé. Interaction, interruption, intégration dans la transmission des savoirs scientifiques sur le langage des langues», realizada em 05 de junho de 2015, na École Normale Supérieure de Paris, organizada pelo Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM), sob responsabilidade do Professor Dr. Giuseppe D’Ottavi. A referida conferência pode ser assistida no seguinte endereço:

<<http://savoirs.ens.fr/expose.php?id=2171>>

A tradução aqui apresentada foi realizada por Maria Iraci Sousa Costa e Amanda Eloina Scherer. Aproveitamos o espaço, também, para agradecer ao Professor Giuseppe D’Ottavi por sua leitura atenta e cuidadosa da tradução que ora apresentamos ao público brasileiro. Ficamos por demais lisonjeadas em poder contar com o apoio e o incentivo de um discípulo do mestre italiano que, ao lado do mestre genebrino, nos inspiram com suas ideias que ultrapassam fronteiras e oceanos e resistem ao tempo.

estudos linguísticos, já iniciados em sua adolescência. Para isso, ele dirige-se à Alemanha, em Leipzig e em Berlim, capitais mundiais dos estudos filológicos naquela época.

A recusa da tradição familiar concerne, no entanto, ao conteúdo das pesquisas. A *forma mentis* científica, herdada do passado familiar, através do ensinamento direto do pai, fornece os traços mais típicos da sua personalidade intelectual e da sua obra: a recusa de toda mistificação e de toda falsa clareza; a parcimônia galileana na introdução de neologismos técnicos (ele prefere a via da definição estipulativa que redetermina e disciplina, tecnicamente, o uso de palavras correntes), a disposição em recolocar em jogo as teses e as demonstrações mais caras, sob o impulso de novas considerações; a atenção acordada tanto aos fatos particulares como a sua concatenação sistemática. Ao fim de sua *Autobiografia*, Darwin delinea o comportamento científico como uma combinação bem dosada de ceticismo e de imaginação confiante: cada tese, mesmo a mais aceita, é considerada como hipótese e, cada hipótese, mesmo a mais estranha, é considerada como uma tese possível, suscetível de ser verificada e desenvolvida. Ferdinand de Saussure encarnou esse comportamento em linguística.

Pode ser justamente a tendência inata à pesquisa, levada aos limites do conhecido, que o conduz para fora dos domínios nos quais teriam evoluído seus antepassados, em torno de uma disciplina ainda *in fieri*, o que era ainda, naquela época, a linguística. Na esfera desses estudos, a afirmação do jovem é prodigiosamente rápida. Ele tem vinte anos quando concebe; vinte e um quando redige o que foi considerado “o mais belo livro de linguística histórica que jamais tinha sido escrito”, o *Mémoire sur les voyelles*; vinte e dois anos quando, antes de obter seu diploma, é interrogado com benevolência por um professor erudito da universidade de Leipzig se ele [o próprio Saussure] por acaso é parente do grande linguista suíço Ferdinand de Saussure; ele não tem ainda vinte e quatro anos quando, após um semestre de estudos na Sorbonne, onde ele tinha ido aperfeiçoar sua formação, a ele foi confiado o ensino da gramática comparada na mesma faculdade e, por lá, encarrega-se de inaugurar a nova disciplina nas universidades francesas.

É compreensível que suceda, aos começos precoces e intensos, uma longa pausa de recolhimento. Mas a pausa se prolonga com o passar dos anos: os trabalhos de Saussure são sempre “peças de museu” (como dirá, mais tarde, Jakob Wackernagel), mas são sempre mais reduzidos e mais raros. Em 1894, três anos após seu retorno à Genebra, a organização do congresso de orientistas e a participação nessa manifestação, com o seu

trabalho de grande importância na história dos estudos bálticos, são as últimas manifestações públicas de seu talento. Ele se fecha, em seguida, em suas pesquisas, sobre as quais ele entrega, às vezes, algumas palavras a seus amigos. Mas ele passa, em silêncio quase completo, diante do público científico internacional.

Em 1913, logo após a sua morte, um aluno e amigo genebrino escreve que Saussure havia “vivido em solidão”. A imagem do solitário se justifica, certamente, por seu isolamento crescente, por seu silêncio científico prolongado, por alguns traços de sua vida privada, pela tristeza que paira nos últimos encontros com seus alunos e nas cartas.

E, no entanto, mesmo em termos estritamente biográficos, seria um erro tão somente atribuir importância à constatação de sua solidão. Ele teve efetivamente poucos amigos, mas não quaisquer um: Michel Bréal, Gaston Paris e Wilhem Streitberg, grandes nomes de estudos linguísticos e filológicos dos dois países, então à vanguarda nesses domínios, a Alemanha e a França. E, se suas salas de aula, em Paris e em Genebra, podiam parecer e estavam metade vazias, a lista de seus alunos, recentemente reconstituída com paciência sagaz, mostra que muitos entre eles tinham sido aqueles que, em meados do final do século XIX e começo do século seguinte, constituíram o quadro técnico qualificado, a conexão vital da universidade francesa e suíça romanda. Mais ainda: aqueles que guiaram a linguística moderna se formaram no ensinamento de Saussure: Paul Passy, quem, entre os primeiros, elaborou uma visão funcional dos fenômenos fonéticos; Maurice Grammont, um mestre da fonética do século XX, entre os primeiros a propor uma interpretação sistemática das mudanças diacrônicas; Antoine Meillet, um grande filólogo considerado por Giorgio Pasquali como “o linguista mais genial do século XX”, líder incontestável da escola francesa de linguística histórica, distinguindo-se pela elaboração e verificação de uma interpretação sociológica da história linguística; Charles Bally, quem levou a um nível científico as pesquisas de estilística das línguas; Albert Sechehaye, quem entreabriu o fértil campo de pesquisa à intersecção da psicologia e da linguística; Serge Karcevskij, quem aplicou ao domínio eslavo a visão dinâmica do mecanismo linguístico elaborado por Saussure, e quem, em Moscou, em 1915, e em Praga, nos anos 1920, foi co-autor das Teses redigidas pelos linguistas moscovitas fundadores da Escola de Praga, transmitindo as ideias do mestre genebrino à Trubeckoj, à Jakobson e a vários linguistas suíços mais jovens.

Há aí muitas personalidades excepcionais para pensar em meramente

um acaso e para não ver aí o resultado de uma profunda vocação para a educação à pesquisa, bem como o sinal de uma vontade de se perpetuar nos alunos e de vencer, por esse meio, o sentido do isolamento.

O contraste entre isolamento e participação não domina somente a vida privada, e o destino humano de Saussure. Nós o reencontramos a um nível mais profundo nas suas relações com a linguística e o pensamento de seu tempo e do nosso.

Os temas e instâncias de pesquisas, que nós consideramos hoje como tipicamente saussurianos, circulam em toda cultura da segunda metade do século XIX. A instância de uma gramática descritiva, estática, é ressentida por Splitzer, acentuada por Whitney, Brugmann e Osthoff, Ettmayer, Gabelentz e Marty; a necessidade de estudar os fenômenos fônicos, em relação com sua função significativa, é sustentada por uma vasta companhia de sábios: Dufriche, Winteler, Passy, Sweet, Baudouin, Kruszewski e Noreen; Frege distingue entre sentido (*Bedeutung*) e significado (*Sinn*); Svedelius preconiza uma “álgebra da língua”; Noreen distingue entre estudo substancial e estudo formal dos conteúdos semânticos e dos aspectos fônicos; Whitney, Steinthal, Paul e Finck insistem sobre o aspecto social dos fatos linguísticos e, como muitos neogramáticos, sobre a necessidade de considerar a língua em seu contexto social; Steinthal, sobre os traçados de Humboldt, propõe de novo a visão global dos fatos linguísticos. Poderíamos continuar evocando as reflexões de Schuchardt, que afinam a sensibilidade ao aspecto concreto individual da expressão; os neogramáticos e a geolinguística, que sublinham diferentemente o aspecto acidental das mudanças linguísticas; Peirce e Marty, que sentiam a urgência de uma ciência geral dos signos; e ainda Peirce, Marty, Mach e Dewey, que começaram a reavaliação dos momentos abstratos da experiência humana. Nem sempre é possível dizer se esses sábios conheciam as ideias de Saussure e se Saussure conhecia as deles. Mas, mesmo se devêssemos sempre responder negativamente, restaria, no entanto, verdade que, no conjunto, Saussure viveu em uma relação de profunda harmonia, de troca mútua com seu tempo.

Sabemos, por outro lado, o quanto a linguística, a semiologia e a antropologia de nosso tempo devem a Saussure. Conceitos e temas contidos no *Cours de linguistique générale* foram utilizados no centro de diferentes direções de pesquisa. Invocam, na verdade, o Cours, a sociolinguística, com Meillet e Sommerfelt, a estilística genebrina, com Bally, a linguística psicológica, com Sechehaye; os funcionalistas, como Frei e Martinet, os institucionalistas italianos, como Devoto e Nencioni, os fonólogos

e estruturalistas praguenses, como Karcevskij, Trubeckoj e Jakobson, a linguística matemática, com Mandelbrot e Herdan, a semântica, com Ullmann, Prieto, Trier e Lyons, a psicolinguística, com Bresson e Osgood, os historicistas como Pagliaro e Coseriu, e ainda Bloomfield (mas não seus discípulos), Hjelmslev e sua escola glossemática e Chomsky (mais que seus partidários).

Basta olhar a lista das palavras que aparecem pela primeira vez no *Cours*, ou que receberam uma sanção definitiva, em uma acepção determinada, e continuam ainda válidas: *sincronia, diacronia, idiossincrônico, pancronia, pancrônico, etc.; língua, linguagem e fala; signo, signifiante, significado; unidade linguística; sintagma, sintagmático; execução, consciência linguística; fonema, fonologia; substância e forma linguística; economia linguística, valor linguístico; código, circuito da fala, modelo; estado da língua, estático, semiologia, semiológico, sema; oposição, opositivo, relativo, diferencial; cadeia*, talvez *estrutura*, certamente *sistema*. Raras são as palavras-chave da linguística contemporânea que, comuns a várias direções de pesquisas, não têm sua fonte no *Cours de linguistique générale*.

E, no entanto, apesar de todos esses laços, a personalidade de Saussure não cessa de se destacar original sobre o fundo de sua época. O fato é que só a matéria de suas reflexões lhe foi fornecida em sua época; mas a forma última da concepção pertence originalmente a ele. Chegar a esta forma foi o problema central de sua biografia científica e intelectual, o término de trinta anos de pesquisas insatisfeitas. Ele a alcançou nos últimos anos de sua vida e traça os contornos nas aberturas, nas conclusões, nos momentos principais do segundo e do terceiro curso de linguística geral (1908-1909, 1910-1911) em Genebra. Os recentes trabalhos de R. Godel e R. Engler nos permitem apreendê-la.

Não podemos, no entanto, dizer tanto do *Cours de linguistique générale*. Como cada um sabe, o texto da obra foi elaborado por Bally e Secheyay, fundando em uma redação, que se coloca como unitária, as notas tomadas pelos alunos durante os três cursos de linguística geral, ministrados por Saussure, e as raras notas autógrafas reencontradas em seus rascunhos, após sua morte. Os fragmentos do pensamento saussuriano (fora alguns raros mal-entendidos) são em geral, felizmente, compreendidos e fielmente reportados. O *Cours* é, pois, a soma mais completa da doutrina saussuriana, e é, provavelmente, destinada a permanecer. Nossa dívida para com Bally e Secheyay é, dessa forma, grande e evidente. Mas o que seria tirar o que eles fizeram para divulgar as teorias do mestre senão esconder que

o Cours, fiel na sua reprodução de alguns elementos da doutrina linguística de Saussure, não é tão fiel quanto em relação à sua reprodução de seu agenciamento. E a ordem, como sublinhava Saussure, é essencial na teoria da língua, talvez mais que em outra teoria. A obra de Bally e de Sechehaye não é hoje verdadeiramente continuada senão por aquele que contribui para compreender e fazer compreender que, conscientemente ou não, uma boa parte da linguística do século XX trabalhou para que, por meio da redação do Cours, o ensinamento de Saussure seja reencontrado na sua forma mais autêntica, e que, assim, veja novas perspectivas se abrirem diante dele.

O ponto de partida das reflexões de Saussure é a consciência aguda da individualidade absoluta, única, de cada ato expressivo, esse ato que ele chama *parole*. Ele convida seus alunos a prestarem atenção a um indivíduo que está falando e que exclama, por exemplo: “a guerra, eu vos digo, a guerra!”. Nós constatamos, espontaneamente, que o orador repetiu duas vezes a mesma palavra, disse duas vezes *guerra*. Isto é verdade, mas é somente verdade em um certo sentido. Se nós nos interessamos ao conteúdo “psicológico” (para utilizar o termo mesmo de Saussure) efetivo e concreto que *guerra* comunica cada vez, ou ainda ao ato fonatório concreto, pelo qual *guerra* é cada vez realizado, nós nos encontramos a cada vez diante de alguma coisa de diferente. Quem, dizendo *guerra*, terá na cabeça as fanfarras, os desfiles gloriosos, as bandeiras trêmulas ao vento; que um irmão morto ou uma casa destruída. Von Clausewitz pensará o prolongamento da política por outros meios, e o soldado Schweik pensará em palavras que, por decência, nós não podemos transcrever aqui. Mas Saussure quer dizer que até a mesma pessoa e até no mesmo discurso, se repetir duas vezes a mesma palavra, comunicará duas coisas diferentes, na primeira e na segunda vez: “a guerra, eu vos digo, a guerra!”. E a pronúncia concreta não será menos diferente de uma vez à outra, até podemos afirmar com certeza, na mesma pessoa.

Os testes de análise psicológica e de associação de um lado, os instrumentos de análises eletroacústicas e eletromiográficas, sempre mais refinadas, de outro lado, nos dão hoje uma confirmação instrumental do que Saussure afirmava sobre bases, por assim dizer, artesanais. A mesma palavra, repetida no discurso de uma mesma pessoa, tem, de um momento a outro, uma execução diferente: se não fazemos verdadeiramente abstração de nenhum detalhe, o sentido preciso, na sua realidade concreta, aparece de uma manifestação a outra como formado de associações e ressonâncias emotivas diferentes; e a fonia real também, se a consideramos na sua integridade efetiva, tem a cada vez inflexões e nuances diferentes. Somente Croce insistiu com tanta força sobre o caráter individual, único do ato

expressivo particular. Mas o que é para Croce um ponto de chegada, é para Saussure o ponto de partida.

Se é verdade que *guerra* varia de um caso a outro, é igualmente verdade que nós dizemos que *guerra* varia porque tem, em outros contextos, nuances de sentidos diferentes. Para afirmar isso, é claro que nós devemos ter um *ubi consistam*, um ponto firme que não varia e que nos permite dizer que alguma coisa varia e que é diferente. Mas, deixando de lado essas considerações, olhando não nossa forma de utilizar, mas nossa forma de apreciar a língua que utilizamos, é que, justamente no discurso concreto, como locutores e ouvintes, nós reconhecemos, de uma ocorrência a outra, as diferentes repetições de *guerra*, precisamente como repetições, dito de outro modo, como variações de alguma coisa que, para variar, deve permanecer idêntica a qualquer ponto de vista.

Este ponto de vista não é e não pode ser aquele da substância psicológica ou fônica dos quais são feitos os atos de *fala*. Deste ponto de vista, os atos de *fala* são, nós o vimos, irrevocavelmente diferentes uns dos outros. Por isso, o ponto de vista que permite a identificação não é aquele da execução. Ele deve ser buscado não naquilo que os locutores “fazem”, mas naquilo que os locutores “sabem”, quer dizer, no interior mesmo do seu saber: os locutores sabem que os dois, e mesmo as inumeráveis repetições de *guerra* são, para além de toda variação de sentido e de fonia, as réplicas de uma mesma entidade.

A série indefinida de diferentes produtos fônicos e a série igualmente indefinida de diferentes sentidos constituem duas séries, que podemos dizer, contínuas (“contínuas” na acepção matemática, no sentido que, sendo dados duas fonias ou dois sentidos extremamente próximos, é sempre possível encontrar uma fonia ou um sentido intermediário). Nessas séries contínuas, os locutores fazem diversos reagrupamentos, referindo-se a limites no interior dos quais os fenômenos psicologicamente ou fonicamente diferentes são identificados sobre a base de sua identidade de função: as fonias de um certo grupo são fonicamente diferentes, mas *podem* todas transmitir um mesmo sentido particular; os sentidos de um certo grupo são psicologicamente diferentes, mas *podem* todos ser transmitidos por uma mesma fonia particular. O conjunto dos limites entre os diferentes reagrupamentos é a língua. Ela é, pois, um conjunto de limites e de articulações que tornam descontínua a massa de realizações fônicas e a massa de sentidos. Graças a língua, o ouvinte traz uma realização fônica particular a uma ou outra das classes de realizações fônicas, e uma significação particular a uma ou outra

das classes de significações. Para melhor marcar a diferença entre os dois pontos de vista, aquele da *fala*, da execução, e aquele da *língua*, do saber, Saussure introduz uma discriminação terminológica: ele reserva *sentido* (ou *significação*) e *fonação* à substância da qual é feita a *fala* e, após hesitações, propõe *significante* e *significado* para designar as classes de *sentidos* e de *fonações*.

As classes que Saussure chama *significantes* e *significados* são, como nós não temos hoje nenhuma dificuldade em dizê-lo, das classes “abstratas”; e, quando ouvimos uma certa fonia em uma certa situação particular, nós levamos fonação e sentido a uma certa união de significante e de significado, por exemplo, a *guerra* nós cumprimos uma operação de classificação por abstração. Por outro lado, quando nós nos exprimimos, nós não realizamos somente uma união de significação e de fonia, que se situa estaticamente na classe constituída pela união de uma classe significante e de uma classe significada, nós realizamos igualmente uma união de significação e de fonia, que constitui, dinamicamente, uma *atualização* de uma classe (ou uma união de classes), existindo *em potência* “no cérebro” (como gosta de dizer Saussure). A designação das relações entre língua e *fala*, do lado da realização, ativa, é feita por Saussure, adotando os velhos termos escolásticos de *potência* e de *ato*. Mas para ele é mais difícil designar as mesmas relações do lado da audição. A facilidade com a qual, no segundo terço do século XX, nós podemos adotar termos como *abstrato* e *abstração* é, como nós veremos, desconhecida até o final do século XIX, enquanto, na esteira de Kant, cem anos de pensamento filosófico cobriram esses dois termos de valores negativos, ao ponto que *abstrato* e *abstração* significavam unanimemente “deixado de lado”, ou indevidamente e falsamente deixado de lado.

Saussure, ao apreender e definir perfeitamente o caráter abstrato das entidades linguísticas, é obrigado a evitar o uso de *abstrato*, para não se expor a mal-entendidos indesejáveis. Ele acaba, assim, por falar de entidades *psíquicas* (termo que ele distingue cuidadosamente de *psicológico*), ou ainda a se voltar em direção a um outro par escolástico: *substância e forma*. A *fala*, união de uma fonia concreta e de um sentido concreto, é substância enquanto o que se atualiza na *fala* e o que serve para classificar a *fala*, quer dizer o conjunto de significantes e de significados, a língua, é nomeado e definido por Saussure como *forma*.

A constituição de classes abstratas ou formais, que Saussure chama significantes e significados, não depende de nenhum motivo intrínseco à substância fônica ou psicológica. Por exemplo, [ˈmɪtɛ] e [ˈmi:tɛ] são

classificadas, em italiano, como manifestações diferentes de uma mesma entidade significante, entidade que nós podemos simbolizar por /mite/, enquanto que elas são classificadas, em alemão, como manifestações diferentes de duas entidades diferentes, que nós podemos simbolizar, na grafia alemã corrente, por *Mitte* “centro” e *Miete* “lar”, ou por /mite/ e /mi:te/. A mesma diferença, ao nível da substância, é ignorada em uma língua e utilizada em uma outra, para constituir duas classes formais diferentes. As classes formais não dependem, por isso, mecanicamente, de forma determinada, dos caracteres físicos da substância. Produz-se a mesma coisa para as significações e os significados. A designação de uma jovem criatura do sexo feminino e a designação de uma jovem criatura do sexo masculino são levadas ao mesmo significado em alemão (“Kind”), em grego (“téknon”) ou em napolitano (“criatura”), enquanto elas são tomadas em dois significados diferentes em latim (“puella” e “puer”), em romano (“pupa” e “pupo”) e em italiano (“bambino” e “bambina”).

Em resumo, as distinções que significantes e significados introduzem nas realizações fônicas e as significações são *independentes* das características intrínsecas da substância fônica e psicológica, ou seja, elas são arbitrárias. Não têm em sua origem a dependência mecânica dos caracteres pré-linguísticos da substância fônica, dos caracteres do mundo objetivo, ou ainda de nossa forma de percebê-lo, mas há, ao contrário, a capacidade (inata no cérebro de todo homem) de discriminar livremente e de associar livremente, em classes, os atos e os dados de sua experiência, e de coordenar, diferentemente, as classes assim formadas.

Com algumas oscilações, Saussure tende a chamar de *signo* toda união de um significado e de um significante, desde as unidades mínimas (que Frei as chamou logo após *monemas*: *aim-*, *-ont*, *parl-*, *-er*, etc.) até às unidades complexas, que Saussure chama de *sintagmas* (cachorro; ele fala; por aqui, por favor; esta noite, a lua sonha com mais preguiça, etc.). Ele pode, por isso, dizer que o signo, enquanto constituído pela união de duas classes abstratas formadas arbitrariamente, é radicalmente arbitrário.

Saussure vê no arbitrário do signo o princípio fundamental de toda realidade linguística. Esse arbitrário fornece um princípio de classificação de sistemas semiológicos (ritos, costumes, códigos de comunicação, linguagens de todas as espécies) segundo seu grau, mais ou menos elevado, de arbitrário. Em segundo lugar, o arbitrário permite a linguagem verbal se realizar segundo outro princípio, aquele da linearidade: se os signos linguísticos não fossem arbitrários, tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de

vista do significante, eles não poderiam codificar (como eles codificam, na verdade) em uma sucessão linear de situações, “*purports*” (Hjelmslev), que se apresentam de forma unitária à memória, à percepção e ao conhecimento dos sujeitos falantes.

A organização da língua provém, antes de tudo, do cruzamento de dois princípios. O arbitrário está na origem do caráter opositivo das entidades significantes e significadas: essas, não tendo uma base absoluta, são o que são porque são delimitadas por outras entidades, com as quais elas coexistem. A linearidade está, ao contrário, na origem do caráter sintagmático das entidades. Essas, na medida em que se desenrolam linearmente, ao longo do eixo das sucessões, podem se decompor em segmentos semântico-significantes de menor extensão. Opositividade e sintagmaticidade são a dupla raiz do que Saussure chamava de “equilíbrio”, e que os editores, seguidos posteriormente por Martinet, chamaram de “economia” da língua. A língua é, e pode ser considerada como, mais que o conjunto de todos os signos, o conjunto de todos os signos possíveis. Quer dizer que ela é constituída de segmentos significantes e significados menores (as *unidades concretas* de Saussure, os *monemas* de Frei e Martinet) e de esquemas fundamentais (que Saussure chama “abstratos”), de suas combinações possíveis. Dito de outro modo, a língua é o sistema de estruturas possíveis de signos mínimos. Saussure insiste, fortemente, sobre o caráter potencial, sobre a “produtividade” e, como ele diz, sobre a “criatividade” da língua: o fato de que uma combinação sintagmática determinada exista, tem uma importância nitidamente menor que o fato de que ela *possa* existir. A modalidade de produção de novos signos complexos é a analogia, que é a força criativa da língua.

O caráter “sistêmico” da língua impõe à linguística uma atitude “sistemática”: mesmo se se trata de descrever uma unidade mínima, pois descrevê-la implica que podemos determinar seu *valor*, é necessário vê-la em todas suas associações opositivas possíveis (que nós chamamos hoje paradigmáticas), em todas as suas possibilidades de combinação sintagmática. Dito de outro modo, mesmo se o objetivo do estudo não é diretamente o sistema, mas somente uma parte, ainda que mínima, é necessário sempre, se queremos que o estudo seja completo, considerar a parte em relação a essa totalidade que lhe dá seu valor, ou ainda em relação a todo sistema linguístico.

O caráter sistêmico da língua impõe, igualmente, que a linguística desenvolva suas pesquisas, acima de tudo, sobre o plano onde coexistem

as diferentes unidades e estruturas possíveis, quer dizer, sobre o plano da contemporaneidade e da coexistência funcional: este plano é chamado por Saussure de *sincrônico* ou, mais exatamente, de *idiosincrônico*. O estudo idiosincrônico não exclui, nas intenções de Saussure, o estudo diacrônico, quer dizer, o estudo da evolução de um sistema e de uma de suas partes, através do tempo, do mesmo modo, não exclui a comparação de sistemas e de partes de sistemas geneticamente aparentados, no qual a linguística do século XIX situava todo o trabalho do linguista. Saussure prima pelo estudo idiosincrônico, mas (à diferença do que fazia a linguística do século XIX para a comparação) ele não lhe acorda o monopólio das pesquisas linguísticas.

E a razão deste primado é simples: é somente sobre a base idiosincrônica que nós podemos provar a legitimidade das confrontações entre unidades linguísticas que pertencem a sistemas linguísticos diferentes. Esse ponto é extremamente delicado por dois motivos: porque, do ponto de vista biográfico, é certamente esse o tema das primeiras reflexões de Saussure, em matéria de “filosofia da linguística”; e porque dois dos intérpretes mais profundos de Saussure, Mario Lucidi e Robert Godel, independentemente um do outro, sustentaram que a concepção saussuriana de sistema e de idiosincronia fechava a linguística “em um círculo” (Godel SM 221) e comprometia a possibilidade de comparação diacrônica (Lucidi, escrito inédito citado em De Mauro, 1966, 130-131). Na sequência desses estudos, o autor destas linhas se permitiu dizer que esta concepção carregava nela, entre outras consequências, aquela da impossibilidade de comunicar. E, para dizer a verdade, os dois sábios e aquele que os seguiu tinham razão, na medida em que eles não viam que Saussure tinha elaborado, com cuidado, a distinção entre sentido e significado, entre fonação e significante, quer dizer, entre execução ou *fala* e sistema ou língua. Essa distinção, sobre a qual nós insistimos desde o começo desta introdução, e sobre a qual o próprio Saussure, muitas vezes, se deteve em suas reflexões, por mais inacreditável que isto possa parecer, não tenha sido apreendida em todo seu alcance até um breve e importante artigo de A. Burger, que muitos, ainda hoje, não se detiveram: algumas páginas sobre *sentido* e *significação*, *significado* e *valor*, que, em desacordo aparente com o que Godel havia descrito em SM, mas, na verdade, perfeitamente harmônico com o resto das interpretações que Godel havia elaborado, colocaram toda a exegese do pensamento saussuriano sobre seu verdadeiro eixo e abriram perspectivas teóricas de maior importância. Graças à distinção entre significação e significado, fonação e significante, Saussure está em condições de elaborar uma noção

de sistema e de idiosincronia, que se encontra ao abrigo das consequências absurdas que a bateriam sem esta distinção (e a batem aos olhos daqueles que não recuperam esta distinção em todo seu alcance). Além disso, esta distinção fornece uma base ao estudo diacrônico.

Em nome de qual legitimidade nos confrontamos como geneticamente aparentadas unidades linguísticas, que pertencem a sistemas linguísticos diferentes? Não sobre a base de sua identidade fonatória (sem o que nós não poderíamos explicar porque nós confrontamos, como termos de uma sucessão contínua, o latim *calidum* e o francês | Jo | *chaud*, que não apresentam nenhuma semelhança fônica, e porque, ao inverso, nós não as consideramos como colocadas sobre uma mesma linha contínua de desenvolvimento duas frases, como o latim I VITELLI DEI ROMANI SONO BELLI, “vai, o Vitellius, ao som da guerra, do deus romano”, e a frase italiana homógrafa²); nem sobre a base de sua identidade de sentido (nesse caso nós deveríamos considerar o italiano *spada* como um desenvolvimento de *gladium* e nós não poderíamos considerar o italiano *cattivo*, “mau”, como desenvolvimento do latim *captivus*, “prisioneiro”); nem sobre a base da similaridade contemporânea de sentido e de fonia: neste caso nós deveríamos considerar como geneticamente aparentados (mas nós tomamos cuidado) o alemão *Feuer* “fogo” e o francês *feu*, o inglês *bad* “mau” e o persa *bad* “mau”. Enfim, o valor por ele mesmo não é mais uma base suficiente: dois termos, na medida em que eles pertencem a sistemas diferentes, têm um valor irremediavelmente diferente (Lucidi tinha perfeitamente razão de destacá-lo). Chomsky e Halle têm, por isso, razão de falar “the still puzzling phenomenon of language change”: a mudança linguística é, na verdade, um fenômeno ainda enigmático para os linguistas estranhos ao pensamento saussuriano. Enigmático ao ponto que nós não chegamos mesmo a justificar a base sobre a qual nós constatamos uma mudança.

O problema é, para Saussure, pelas suas meditações, relativamente simples. A fórmula pela qual ele a resolve é a seguinte: uma série de equações idiossincrônicas entre significações divergentes e fonias divergentes, mas que, no entanto, em cada estado de língua, onde elas coexistem, são variantes do mesmo significado e do mesmo significante, une, de um estado de língua a outro, os pontos extremos de uma série diacrônica (*calidum* e *chaud*), ou uma série comparativa (latim *nātus* e velho-indiano *jātás*). É baseando-se nessas equações que o linguista comparatista podia e pode admirar o profano, lhe explicando, por exemplo, que o alemão *Tür* é “a mesma coisa” que o italiano

2 A frase italiana homógrafa, *I vitelli dei romani sono belli*, significa “os bezerros dos romanos são belos” (Nota do tradutor [italiano-francês] Jean-Claude Calvet).

fuori, zehn é “a mesma coisa” que *dix*.

Vemos, por isso, que a concepção saussuriana de língua como sistema diossincrônico, com a distinção entre execução e sistema, não somente não negam, mas corroboram, ao contrário da forma mais rigorosa, o estudo diacrônico. Vale a pena acrescentar que essa mesma concepção esclarece, como nós teremos em parte a ocasião de vê-la, outros problemas, como aquele da comunicação entre dois indivíduos ou aquele (que é uma variante mais complicada do precedente) da tradução de uma língua para outra. Mas Saussure não se deteve sobre esses dois problemas, que chamam atenção em uma época mais recente: ele forneceu, no entanto, ao nosso ver, a chave para resolvê-los da melhor forma.

Do arbitrário resultam dois outros caracteres antitéticos da língua. Antes de tudo, sua mutabilidade ao curso do tempo. Os significantes, os significados e sua organização em sistema são livres de ligações rígidas que as religam à realidade lógica, ou natural etc. A língua é sujeita às mudanças mais profundas, as mais imprevisíveis, as menos “lógicas” e as menos “naturais”. Acontece, desse modo, que longínquas tradições linguísticas possam se colocar a convergir, ou ainda que uma mesma tradição linguística possa se cindir em idiomas profundamente divergentes. As línguas não têm diante delas outros limites senão aqueles, unicamente e verdadeiramente universais (universais, com certeza, para a espécie humana), da estrutura do aparelho perceptivo e consciente do homem e de seu aparelho fonatório e acústico: no interior desses, as possibilidades de reagrupar em significantes e em significados a infinita série de diferentes fonias e diferentes sentidos são infinitas.

O arbitrário é, além disso, em última análise, o que amortece os sobressaltos provocados pelas mudanças possíveis das fonias e das significações. As fonias e as significações representam os significantes e os significados de uma língua, fazendo sua realização, mas não esgotando o processo. Elas podem, por isso, oscilar mesmo consideravelmente, e de fato elas oscilam consideravelmente (lembramo-nos da diversidade de sentidos e de fonias que a tem frase “a guerra, eu vos digo, a guerra!”) sem que mude o sistema de limites. O arbitrário é, por isso, tanto a condição e o coeficiente da mudança, quanto a estabilidade dos sistemas linguísticos.

Enfim, graças a essa análise profunda de Saussure sobre o arbitrário, resulta uma consequência: o aspecto radicalmente social da língua. Porque os signos, na sua diferenciação recíproca e na sua organização em sistema, não respondem a nenhuma exigência natural que lhe seria externa, a única base

válida de sua configuração particular em tal ou tal língua é o consenso social. É verdade que o consenso social tem uma parte, mesmo nas concepções convencionalistas, de Aristóteles a Whitney: mas ele encontra o seu limite no fato de que a língua, concebida como uma nomenclatura, engloba, como parte essencial, os “significados” que coincidem com as “coisas” e são por isso fatos pré-constituídos. Isso quer dizer que o consenso social só tem liberdade para organizar os significantes: mas o mundo dos significados se impõe à convenção como uma realidade que lhe pré-existe. Na concepção saussuriana da realidade linguística, a organização das significações em significados, não sendo menos arbitrária que aquela das fonias em significantes, o consenso social é tudo. O uso que uma sociedade faz da língua é a condição para que a língua seja *viável*. Apenas Wittgenstein, e somente quarenta anos mais tarde, atingiu com uma clareza semelhante a visão do caráter radicalmente social da língua. “O sistema de signos é feito pela coletividade como o navio é feito para o mar”, dizia Saussure durante uma lição do segundo curso, com uma imagem que não foi passada no texto da vulgata; uma dessas numerosas imagens sugestivas, com as quais, assim como Wittgenstein, ele precisamente procurava fixar, dando-lhe um corpo sensível, um pensamento do qual nós medimos hoje a profunda novidade histórica. Tudo como o arbitrário, o laço social, é fator de estabilidade e, ao mesmo tempo, de mudança. É precisamente o fato de que a língua é social que ela se submete aos caprichos dos indivíduos ou de seus grupos restritos. Por outro lado, esse mesmo caráter social expõe a língua às mudanças, quando a exigência de distinções já existentes diminui ou, ao contrário, quando surge a exigência de novas distinções.

O arbitrário e o aspecto social da língua, combinados à complexidade de relações opositivas e sintagmáticas entre as unidades concretas, fazem com que o aparecimento e o desaparecimento de distinções, ao curso do tempo, sejam absolutamente imprevisíveis. A mudança atinge a distinção e reage sobre o sistema das formas mais variáveis. As passagens de um estado de língua a outro não respondem a nenhuma racionalidade universal. A linguística se encontra em sua descrição, diante de fenômenos contingentes, temporalmente e espacialmente circunscritos, produzidos pelo resultado imprevisível do reencontro, no sistema, de acontecimentos heterogêneos, internos e externos em relação ao equilíbrio do sistema linguístico em alguma fase.

Ter colocado o arbitrário no centro dos aspectos universais, comuns à todas as línguas, implica, em última análise, reconhecer isto: as línguas particulares, tanto sobre o plano dos significantes quanto sobre o plano dos

significados, são de natureza contingente, elas têm uma validade circunscrita no tempo e no espaço, validade essa com uma duração de organizações determinadas da sociedade humana.

História e *histórico* são termos que uma longa tradição carregou múltiplos sentidos, e que se tornaram equívocos. Em linguística, *história* foi, e ainda é, utilizada como sinônimo de *tornar-se*, de *diacronia*, entre outros. Pensando nessa acepção, Saussure insiste sobre o caráter anti-histórico do sistema linguístico e da linguística sincrônica que o descreve. Mas *história* e *histórico* têm também outro sentido: o sentido segundo o qual dizemos, por exemplo, que é *histórico* um sistema de leis jurídicas, enquanto ele é ligado às contingências temporais e sociais, independentemente do fato de que ele tenha ou não um desenvolvimento no tempo. Nesse sentido, como bem viu Saussure, um estado de língua é *histórico* não porque ele “se desenvolve”, mas porque as motivações que o sustentam são de caráter contingente, temporalmente e socialmente determinado. Se, como parece exato, retemo-nos somente neste segundo sentido (que não nega, mas inclui o primeiro), como inteiramente consoante ao pensamento e à linguagem do historicismo moderno, nós nos encontramos na necessidade de tirar uma conclusão. Saussure, aprofundando a análise dos aspectos universais da realidade linguística e elaborando sua própria versão da velha *gramática geral*, cercou o caráter radicalmente arbitrário e, por aí, radicalmente social de todas as línguas: ele, assim, ratificou seu caráter radicalmente histórico.

O arbitrário é a modalidade geral com a qual se opera no tempo a capacidade de coordenar e associar, que é um universal biológico comum a todos os homens, dando lugar a sistemas linguísticos dessemelhantes de uma sociedade humana a outra. É, pois, a modalidade pela qual o que, no homem, é hereditário e biológico, sob as contingências sociais e temporais, encontra a contingência histórica. É a forma sob a qual a natureza se faz história.

É precisamente aí que está a raiz a mais profunda das incompreensões que acompanhou o *Cours*; é aí que se encontra a razão pela qual este texto, entre os mais citados e os mais conhecidos da história cultural do século XX, aparece, entretanto, profundamente isolado no seio desta cultura. Um fundamento do pensamento científico e racional, e uma perspectiva de *gramática geral* racionalista, estão a serviço de uma conclusão profundamente historicista. Por outro lado, a visão histórica da realidade linguística é liberada destes acentos místicos e irracionais que a acompanham por hábito no historicismo literário, e ela se verifica sobre o plano de maior

rigor empírico e analítico. É suficiente para desconcertar aqueles que, academicamente, estão habituados a separar as razões da ciência daquelas da história, espírito de geometria e espírito de fineza. Uma geometria rigorosa tem aqui, por teorema extremo, o reconhecimento da radical historicidade dos fatos linguísticos.

A forma do pensamento saussuriano contém, pois, em potência as reações que ela suscitou durante meio século. Se nós a consideramos na sua integridade, nós compreendemos muito bem a irritação dos historicistas sustentados por toda espécie de verbalismo e transportados sobre um plano de rigor singular, como a irritação dos cientistas pressionados a seguir um encadeamento realmente lógico em direção a resultados historicistas desacostumados. Nós compreendemos como as ligações internas de um tal pensamento puderam ser ofuscadas já na redação dos editores, o percurso autêntico sendo atrapalhado por adições e invenções. Nós vemos o porquê e o como que acusações tão violentas quanto díspares contra este livro surgiram, acusando-o, alternadamente, de psicologismo e de cientismo, de excesso de fineza e de uma grosseria ingênua, de idealismo e positivismo, de espiritualismo burguês e de materialismo. Nós compreendemos, enfim, a origem da repugnância a tomar conhecimento da totalidade do *pensamento* saussuriano, cada um preferindo antes tirar do *Cours* alguns fragmentos suscetíveis de ser utilizados como armas defensivas ou ofensivas nas polêmicas deste meio século.

Não é talvez somente por razões filológicas que o pensamento saussuriano só hoje nos é devolvido em sua autenticidade. Foi provavelmente necessário que tivesse acontecido múltiplas experiências inspiradas por uma interpretação parcial antes que ela desenvolvesse a possibilidade de aparecer em sua complexidade integral e original. É um retorno que não se efetuará sem dificuldades. E o *Cours*, para isso também, merece que retomemos, a seu propósito, as palavras que Croce escreveu sobre a *Enciclopédia* de Hegel: “É verdade que esse livro não é um livro fácil, nem ele mesmo, nem tal como eu o apresento. Mas eu acredito que a dificuldade para os homens que pensam, é mais uma causa de atração que de repulsão.”

As considerações precedentes deveriam servir para aprofundar, entre outros, o que é antes de qualquer coisa a opinião comum: o pensamento de Saussure foi e é o centro de múltiplos desenvolvimentos, nos quais alguns estão somente em seus inícios, no seio das ciências históricas e antropológicas; e, pela simples razão que as classificações repugnam sempre a inteligência histórica, é necessário se abster de dizer que o *Cours* está

entre os livros mais importantes da cultura do século XX. Tentar uma interpretação válida sobre o plano documentário e sobre o plano crítico é um papel importante para a linguística, e não somente para ela. Importância de ordem não somente histórica e erudita: bem frequentemente (basta pensar nos trabalhos, como aquele já mencionado, de Burger sobre *significação e valor*) uma melhor exegese coincide com um progresso notável na teoria geral dos fatos linguísticos. Tudo isto tem por objetivo trazer à luz o fato que o trabalho realizado é ainda insuficiente. É importante ainda dizer que a discussão crítica sobre o material manuscrito, utilizado ou não pelos editores do *Cours*, está somente em seu início: as contribuições críticas são raras³, os aprofundamentos a fazer são certamente numerosos, o material, recentemente editado, exige ainda leituras pacientes. Além disso, o material inédito não foi ainda examinado publicamente por ninguém: cadernos de notas do curso de linguística histórica, cartas privadas, manuscritos sobre os anagramas e sobre a epopeia germânica. Muitos estudos ainda estão para serem feitos, para reunir e compreender os documentos disponíveis em torno da biografia e da obra científica de Ferdinand de Saussure.

Buscamos, nas *Notices*, preparar o terreno para aquele que escreverá uma biografia completa de Saussure: procuramos por isso reunir e coordenar os fatos já conhecidos (mas frequentemente dispersos e pouco acessíveis) sobre a vida pública e privada, os estudos, as relações de Saussure. Além disso, graças à cortesia de R. Godel, de R. Jakobson e da biblioteca de Genebra, pudemos acrescentar aos fatos conhecidos algumas informações novas e corrigir, ou melhor interpretar alguns fatos conhecidos. Nós apresentamos, em seguida, algumas notas sobre o desenvolvimento das ideias teóricas de Saussure do *Mémoire* aos três cursos de linguística geral, e algumas informações sobre as relações entre Saussure e outros sábios: Eu desejo poder também contribuir a uma renovação da atenção para os sábios como Kruszewski, Marty e Noreen, verdadeiros irmãos espirituais de Saussure e muito esquecidos na memória dos linguistas. Enfim, para dar uma visão sintética de questões que são, em seguida, tratadas de forma mais analítica

3 No prefácio da recente edição crítica do *Cours*, Rudolf Engler cita somente três estudos que, após S.M. (1957), utilizaram as fontes manuscritas: o artigo de A. Burger, já mencionado aqui, o ensaio de um jovem e notável especialista italiano, Giorgio Derossi (ver a lista de abreviações), e *A introdução à semântica* do autor destas linhas. Podemos acrescentar a esta lista, reduzida ainda, alguns raros trabalhos: um trabalho de Heinimann, um trabalho de G. Lepschy sobre o arbitrário (mas em trabalhos posteriores, Lepschy continua a não levar em consideração o pensamento de Saussure, esclarecido pelos inéditos: conforme também o recente Lepschy (1970, 42-52) e sobretudo os escritos mais recentes de Engler, de E. Buyssens e de R. Godel (ver as abreviações no fim deste volume).

no comentário, buscamos traçar um quadro da fortuna crítica do *Cours* nas diferentes correntes da linguística e em diferentes países. É desejável que nós estejamos informados, especialmente para esta parte, que as lacunas certamente são numerosas, para que possamos, sempre, melhor esclarecer a imensa fortuna crítica que teve esse livro um pouco em todo lugar.

As notas do comentário têm objetivos diferentes. Algumas visam simplesmente as completar, desenvolvendo-as, referências a autores e a fatos presentes no texto. Muitas dentre elas comparam a vulgata ao material inédito, ou em via de edição: notas autógrafas, notas de cursos dos alunos, cartas de Saussure *etc.* E a comparação é mais frequentemente ligada, de um lado, à análise do trabalho de redação, levado a cabo por Bally e Sechehaye, por outro lado, à análise de *vexatae quaestiones* exegéticas e teóricas. Outras notas, para historicizar o texto de Saussure, tentam indicar os antecedentes na cultura anterior, ou em suas reflexões e em suas publicações, e tentam igualmente indicar o desenvolvimento e as mudanças dos pontos de vista entre 1916 e nossos dias.

As referências que encontraremos nas notícias biográficas e críticas e no comentário se referem à paginação que tem o texto francês do C.L.G., desde a edição de 1922. Os números colocados à margem do texto de Saussure remetem às notas do comentário.

Tem por base este trabalho dois tipos de pesquisas; a leitura dos textos, hoje em via de edição, e a exploração de uma bibliografia vasta e dispersa. O primeiro tipo de pesquisa não teria sido possível sem a generosa colaboração de Rudolf Engler. Graças à sua intervenção, o editor Harrassowitz de Wiesbaden me permitiu, desde 1964, ver e utilizar as provas da edição de Engler. Eu não acredito que os casos desse tipo sejam muito frequentes, e minha gratidão é, por isso, muito grande.

No segundo tipo de pesquisa, como todos os pesquisadores italianos, eu me deparei com o caos de nossas bibliotecas e aos exíguos meios colocados à disposição da pesquisa e da aquisição de livros em nossos institutos universitários. Se o trabalho pode ser, eu não diria acabado, mas ao menos encaminhado, é graças à colaboração cortês e amigável de especialistas da Itália e de outros lugares. Desejo aqui agradecer calorosamente, em particular, MM. F. Albano Leoni (Göteborg), J. Balász (Budapeste), E. Benveniste (Paris), J. Cremona (Cambridge), C. De Simone (Tübingen) e W. Dressler (Viena), aqui ainda R. Engler e Kennosouke Ezawa (Cologne), R. Godel (Genebra), C. Luporini (Florença), Mlle. Matthée Marcellesi (Paris), MM. L. E. Rossi (Roma) e P. Palumbo (Palermo), Sra. Inga Scekina

(Moscou) e M. Dieter Wanner (Suíça).

A Biblioteca pública e a universidade de Genebra responderam, de forma cortês, às minhas demandas relativas ao fundo saussuriano que ela conserva. Robert Godel me forneceu preciosos esclarecimentos, igualmente para a presente edição francesa. Roman Jakobson passou estoicamente por uma minuciosa entrevista, com numerosas questões saussurianas, durante uma longa conversa em Roma.

Numerosas questões puderam ser discutidas ao vivo, ou por carta, com outros sábios - além de Robert Godel e Roman Jakobson - que eu gostaria de agradecer por suas correções e suas sugestões: R. Amacker (Genebra), E. Garroni (Roma), G. Lepschy (Reading), B. Marzullo (Bolonha), L. Prieto (Genebra) e R. Simone (Palermo). Os relatórios de I. Baumer, G. Derossi, R. Engler, L. Muraro Vaiani, V. Pisani e L. Zgusta, que eu pude conhecer antes da publicação desta edição francesa, me foram, igualmente, muito úteis tanto por seus acordos como por seus desacordos. Para a presente edição francesa eu agradeço ao tradutor, M. L. -J. Calvet, e M. P. van Molle (U. C. Louvain).

A edição italiana dessas notas e notícias saussurianas foram dedicadas à Antonino Pagliaro, um dos raros linguistas italianos que, desde muitos anos, se inspirou, por seu ensino, nas teorias de Ferdinand de Saussure. Este livro lhe deve muito e eu gostaria de renovar a mesma dedicatória.

DOI - <http://dx.doi.org/10.5902/2179219436595>